

APRESENTAÇÃO

Na atualização do perfil profissional do jornalista há quem considere que, com o amplo uso de *smartphones* por um crescente número de cidadãos, não precisamos mais de jornalistas: potencialmente, qualquer pessoa pode compartilhar informações sobre o que lhe interessa. Outros acreditam que, quanto mais aumenta o volume de informações, mais precisamos de jornalistas culturalmente preparados para, com critérios profissionais como apuração e isenção, entre outros, interpretar e dar sentido ao cipoal de rumores e fatos plantados por qualquer pessoa, corporação ou instituição social.

Na esteira desta distinção observada pelo sociólogo Dominique Wolton em entrevista publicada na revista *Communicare* em 2013, os autores e autoras dos textos de *Jornalismo e contemporaneidade: um olhar crítico* apostam na segunda possibilidade: a urgente necessidade da formação de profissionais para, independentemente das plataformas tecnológicas que nascem e se tornam obsoletas em anos ou até meses, assumirem o papel social de jornalistas na contemporaneidade.

Não se trata de um desafio muito simples. Afinal, nos cursos de jornalismo convivem jovens com grande vontade de mudar o mundo e docentes com rico repertório tanto de formação humanística como de experiência pro-

fissional. Professores que aprendem com os jovens e jovens que aprendem com os professores. Cidadãos que assumem posturas diante do mundo, pessoas que dialogam a partir da diversidade de pontos de vista, gente de carne e osso ciente de que, como afirmou o educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997), ninguém educa ninguém e ninguém educa a si mesmo; os homens e mulheres se educam entre si, mediatizados pelo envolvimento com a realidade, os problemas e os desafios contemporâneos.

Pensar o jornalismo é uma atividade permanente da Faculdade Cásper Líbero, instituição pioneira no ensino da profissão há quase setenta anos. A presente obra é um dos resultados dessa atividade. A preocupação com a formação do jornalista no contexto contemporâneo ocupa um lugar de destaque, desde o primeiro texto – cujo autor, Carlos Costa, é atualmente o diretor da Faculdade. Em “A formação do jornalista: olhar crítico e contemporaneidade”, questiona-se a situação atual de supervalorização da tecnologia em detrimento de se reconhecer que a prática do jornalismo é inseparável de uma capacidade de interpretar o mundo, que depende de uma formação abrangente, da qual o incentivo ao pensamento crítico deve, necessariamente, fazer parte.

O vínculo entre o jornalismo e a existência de uma sociedade democrática presente no texto escrito por Carlos Costa é ressaltado, também, no capítulo redigido por Carlos Sandano Santos, “Por um jornalismo que mereça o Nobel”, que defende a dimensão dialógica do jornalismo. A formação do jornalista deve ser a de um ser humano capaz de desenvolver respeito pelo outro, produzindo uma comunicação polissêmica e, ao mesmo tempo, autoral. Argumenta-se, ainda, que uma comunicação com essas características apresenta dificuldade de ser praticada nas grandes corporações, em virtude dos seus interesses financeiros, e também nas redes sociais digitais, que tendem a excluir a divergência.

A valorização da dimensão interpretativa do jornalismo no mundo contemporâneo – marcado pela produção de uma quantidade incalculável de informação – é o tema central do capítulo de Cilene Victor da Silva e Dimas A. Künsch, “A palavra que cura, a narrativa e o jornalismo interpretativo”. Os autores defendem o argumento de que o jornalismo, desde que a importância da sua dimensão narrativa seja reconhecida, é capaz de ordenar o caos, servindo como um guia em meio aos fatos que se sucedem. Mas o sentido a ser produzido nas narrativas precisa levar em consideração que o social é um campo de conflitos, e que os conteúdos devem ser, portanto, vistos polissemicamente.

A dimensão política do jornalismo praticado pelas grandes corporações é o tema do capítulo “Jornalismo e política na contemporaneidade: teoria crítica e poder espetacular integrado”, escrito por Cláudio Novaes Pinto Coelho. O potencial dialógico do jornalismo, a produção de narrativas polissêmicas estaria ausente das produções noticiosas analisadas pelo texto, que aponta o seu vínculo com a ideologia neoliberal e com a defesa de uma atuação repressiva do aparelho de Estado, em especial do poder judiciário, que colocaria em risco a existência da democracia política na contemporaneidade.

A relação entre a comunicação e a educação, fundamental numa sociedade democrática, é o foco do capítulo escrito por Dulcilia Buitoni, “Papel, paredes, telas e redes: comunicação jornalística e educação”. A possibilidade de valorização de um conhecimento complexo trazida pelas tecnologias comunicacionais não vem sendo aproveitada pela produção jornalística contemporânea quando trabalha o tema da educação. A superficialidade é, na visão da autora, a principal característica dessa comunicação que prioriza o ensino superior sem colocar em debate a qualidade dos cursos.

Uma visão positiva a respeito da capacidade de as redes sociais digitais possibilitarem uma comunicação dialógica é o aspecto central do texto de Eduardo Scott Franco de Camargo e Marcelo Santos, "Mudanças na crítica gastronômica paulistana: o jornalista, o blogueiro e o usuário das redes digitais de ranqueamento". O caráter coletivo do ranqueamento de restaurantes feito nas redes digitais é ressaltado numa comparação com a falta de diálogo da crítica gastronômica produzida pela mídia impressa e por blogueiros especialistas em gastronomia.

A ausência de diálogo com os manifestantes foi a principal característica da cobertura da mídia tradicional das manifestações de 2013, conforme a análise feita por Eliana Natividade Carlos no capítulo "O jornalismo nas manifestações de junho de 2013 e a sociedade do espetáculo". Essa cobertura, por sua vez, teve como principal característica a espetacularização, sobretudo com a valorização do tema da violência.

No texto "Jornalismo como forma de conhecimento: um ensaio", Giovanni Pampolha Guerreiro fala a respeito das demandas que decorrem do entendimento de que o jornalismo é uma forma de conhecimento. Reconhecer a presença inevitável da subjetividade é uma das exigências mais importantes, juntamente com a aceitação de que a ideologia é uma realidade incontornável das práticas jornalísticas.

As dinâmicas dos corpos e dos vínculos afetivos, bem como as dinâmicas simbólicas, tecnológicas, colaborativas no cuidado do planeta e acadêmicas, são comentadas no capítulo "Dinâmicas que atravessam o jornalismo na contemporaneidade", de José Eugenio Menezes.

Por sua vez, Mara Ferreira Rovida, em "A mediação social do jornalista na cobertura radiofônica do trânsito", aborda o objetivo central das emissoras de rádio

jornalísticas que cobrem o trânsito: a prestação de serviços em contexto da progressiva ampliação do diálogo e da solidariedade social.

A partir da cobertura de catástrofes ambientais por três revistas brasileiras no período de janeiro a dezembro de 2011, em “Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística”, Márcia Franz Amaral revela a média de fontes por matéria analisada e mostra como as condições de produção do discurso jornalístico na cobertura de uma tragédia são bastante diferenciadas.

O direito à informação por parte da sociedade é problematizado no texto “Critérios de noticiabilidade na ‘Voz do Brasil’”, de Renato Delmanto. A partir da análise dos critérios de noticiabilidade do programa radiofônico, o autor constata que, apesar da proposta de veicular notícias de interesse dos cidadãos, o conteúdo do programa revela interesses do Poder Executivo. Como exemplo, lembra que as manifestações populares de rua de junho de 2013 foram ignoradas pela *Voz do Brasil* por dozes dias após a primeira grande manifestação.

Finalmente, em “Fait divers e folhetim: a tênue fronteira entre literatura e jornalismo”, Vera Helena Saad Rossi recorda a visão sagaz e cáustica de Honoré de Balzac, no romance *Ilusões Perdidas*, sobre a imprensa parisiense do século XIX, caracterizada como um abismo de iniquidades, mentiras e traições. Também mostra as conexões entre jornalismo e literatura no decorrer da História e enfatiza a importância do estudo dessa inter-relação no jornalismo contemporâneo.

Em uma sociedade que se pretende progressivamente democrática, do ambiente universitário espera-se não só o aprendizado de técnicas e ferramentas de comunicação, mas especialmente o aprimoramento da forma de se pensar criticamente a comunicação. O cultivo desse ambiente de contínuo aprendizado exige o esforço reflexi-

vo como a contribuição de cada autor do livro que você, leitor e interlocutor, tem em mãos para ler, questionar, modificar e acrescentar novos pontos de vista à conversação aqui cultivada. O diálogo, que compreende o envolvimento pessoal com a disponibilidade para aprender com o outro, continua tanto nos corredores da Faculdade Cásper Líbero, que em 2017 completa 70 anos, como nas avenidas, ruas e ruelas do Brasil e de um mundo imerso em amplos processos de mudanças culturais, técnicas e políticas.

Afinal, não se trata de formação de recursos humanos para um mercado abstrato e sem rosto que nem sempre remunera à altura das necessidades humanas, mas especialmente da formação de jornalistas e cidadãos comprometidos com uma postura crítica diante do mundo.

Esta contribuição de atores envolvidos com as pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e nas diversas instâncias da Faculdade Cásper Líbero e de outras instituições, ao ser publicada gratuitamente no portal da instituição pretende, como frisamos, participar de um diálogo em andamento nos cursos de comunicação e nas associações de profissionais e/ou pesquisadores de jornalismo. No espírito da construção de um conhecimento público e comum, próprio das obras editadas com licença *Creative commons*, cada leitor poderá, se assim o desejar – desde que cite a fonte e distribua seu remix sob esta mesma licença –, copiar, distribuir, transmitir ou remixar o livro ou parte dele para participar da conversação em prol do progressivo comprometimento com a ampliação dos espaços de cidadania a partir da informação de relevância pública.

Cláudio Novaes Pinto Coelho
Dimas A. Künsch
José Eugenio de Oliveira Menezes